

9

Educação Ambiental: concepções e práticas pedagógicas de professores do ensino fundamental da rede pública e privada em Itabaiana, Sergipe

Narla Mota Júnior¹

Lidiane Alves dos Santos²

Lívia Maria Santos de Jesus³

Resumo

Sabe-se que a Educação Ambiental preconiza a formação de cidadãos críticos e que esta deve ser trabalhada de forma transversal e interdisciplinar. O objetivo desta pesquisa foi compreender as concepções e práticas dos docentes do Ensino Fundamental da rede pública e privada do município de Itabaiana-SE em relação a Educação Ambiental e investigar se os professores consideram a Educação Ambiental um tema interdisciplinar. Trata-se de uma pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo que envolveu a participa-

¹ Graduanda em Ciências Biológicas, departamento de Biociências. Universidade Federal de Sergipe.

² Graduanda em Ciências Biológicas, departamento de Biociências. Universidade Federal de Sergipe.

³ Graduada em Ciências Biológicas/UFS. Mestre em Ecologia e Conservação/PPEC-UFS.

ção de vinte professores. Foi encontrado que a Educação Ambiental é vista pela maioria dos docentes de forma simplista e conservacionista, e que os professores das diferentes redes de ensino apresentam opiniões divergentes, enquanto os da rede privada têm uma visão mais conservacionista, os da rede pública apresentam um conceito socioambiental.

Palavras-chave: Concepções, Educação Ambiental, Interdisciplinaridade.

Environmental education: conceptions and pedagogical practices of teachers of elementary school of public and private systems in Itabaiana, Sergipe

Abstract

The environmental education advocates the formation of critical citizens and should be worked in a transversal and interdisciplinary way. The objective of this research was to understand the conceptions and practices of teachers of elementary school of public and private systems of the city Itabaiana-SE about the environmental education and investigate whether teachers consider environmental education an interdisciplinary theme. The study have quantitative and qualitative research, which involved the participation of twenty teachers. It was observed that environmental education is seen of simplistic and conservationist manner by most teachers. Moreover, teachers in different school systems have different views. While the teachers of private systems have a conservationist view, the public have a concept near of social and environmental.

Keywords: Concepts, Environmental Education, Interdisciplinary.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea enfrenta diversos problemas ambientais, que convergem na crise ambiental e denota a falência de paradigmas econômico, científico e social, os quais estão pautados numa visão industrialista, predatória e antropocêntrica (ROSA; SILVA; LEITE, 2009).

Desde épocas remotas, o homem através da criação de habilidades tecnológicas, tenta dominar à natureza (MARIANO et al., 2011, p. 159). Para Cavalcante et al. (2012) os problemas ambientais são gerados a partir da visão antropocêntrica do homem, que possui uma percepção de que o ser humano é superior aos demais elementos da natureza.

A superação desses problemas exige profundas mudanças nas concepções de mundo, de natureza e de bem-estar, tendo como base novos valores individuais, sociais e éticos. Faz parte de esta nova visão desmistificar a percepção de que o homem é o centro da natureza e senhor dela (DOMINGUES, 2012, p.16).

Foi nesse contexto, marcado pelas crises ambientais, que a Educação Ambiental ganhou destaque, sendo que a inserção da temática ambiental na educação, em todos os níveis e modalidades de ensino, consolidou-se com a realização de ações e a criação de leis, resoluções e programas sobre educação ambiental, como os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs (BRASIL, 1997) a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA (BRASIL, 1999), o Programa Nacional de Educação-ProNEA (BRASIL, 2005), e as Diretrizes Curriculares de Educação Ambiental (BRASIL, 2012).

A partir da promulgação da (PNEA), a educação ambiental, deve estar presente em todos os níveis de ensino formal e não formal e ser tratada de forma interdisciplinar, sendo vetada a implantação de uma disciplina específica para este fim, no currículo de ensino (BRASIL, 1999).

Quando se pensa ou se fala em Meio Ambiente e em Educação Ambiental, faz-se referência quase sempre ao ambiente natural. Dessa forma, as ações de Educação Ambiental tendem a ser voltadas para esse componente ambiental, desvinculando-se do contexto mais geral que o engloba (FERNANDES; CUNHA; MARÇAL-JÚNIOR, 2002, p.4).

De acordo com Jacobi (2003), a reflexão sobre as práticas sociais, em um contexto marcado pela degradação permanente do meio ambiente e do seu ecossistema, envolve uma necessária articulação com a produção de sentidos sobre a Educação Ambiental.

Por meio da Educação Ambiental, busca-se desenvolver técnicas e métodos que facilitem o processo de tomada de consciência sobre a gravidade dos problemas ambientais e a necessidade urgente de solucioná-los (MARCATTO, 2002), sendo assim, a Educação Ambiental implica, em uma transformação social do mundo, devendo apontar para a construção de novas formas de relacionamento dos homens entre si e com a natureza (QUEIROZ, 1997 apud QUEIROZ, 2002).

Se é verdade que a educação ambiental tem como alvo central a mudança ambiental, é menos verdade que ela esteja descolada da realidade social. [...] A criação de uma consciência ecológica, por mais sutis que sejam as relações, não se faz isoladamente das condições sociais. (LAYRARGUES, 2006, p. 11-12)

No que diz respeito a educação formal, a escola é o espaço incumbido de tratar da Educação Ambiental. Para isso, como afirma Medina (2002, p.49):

A análise da instituição escolar, o conhecimento das relações intra-escolares e dos diversos agentes sociais envolvidos no processo de inovação curricular são os primeiros passos necessários para viabilizar o desenvolvimento da inserção da dimensão ambiental no currículo escolar. Tendo em vista que a escola é um espaço de grande dinamismo, pois lida com pessoas de contextos sociais, culturais e políticos diferentes que influencia consideravelmente a maneira com que as ações e decisões são tomadas.

Sendo assim “A escola é um espaço privilegiado para estabelecer conexões e informações, como uma das possibilidades para

criar condições e alternativas que estimulem os alunos a terem concepções e posturas cidadãs, cientes de suas responsabilidades e, principalmente, perceberem-se como integrantes do meio ambiente” (CUBA, 2010, p. 2).

De acordo com Araújo, Soares e Andrade (2008), as tradicionais metodologias baseadas na mera transmissão de informação, não respondem as demandas sociais do século XXI, fazendo-se necessária a busca de estratégias docentes alternativas. Este modelo educacional tradicionalista, tido como modelo predominante, não está adequado a proposta da Educação Ambiental Transformadora.

Considera-se extremamente importante que o professor utilize diversas modalidades didáticas em sua prática docente, pois assim atenderá de forma mais ampla as diferenças individuais e despertará o interesse dos alunos (KRASILCHIK, 2008), mas para que isto seja possível, o professor deve ter uma boa formação acadêmica e estar apto a utilizar diferentes modalidades de ensino, saindo do modo tradicional da educação brasileira, que se reduz a práticas expositiva, livresca, e fragmentada, para uma abordagem dialógica, comprometendo assim com a melhoria do ensino.

Para Fracalanza e Megid Neto (2003), a melhoria da qualidade de ensino só será possível se ao lado de recursos pedagógicos alternativos e variados postos à disposição dos professores, os mesmos terem uma formação inicial adequada, aliada a uma formação contínua e permanente, bem como, por meio de melhores condições de trabalhos. Para que haja uma melhora no processo de ensino e aprendizagem o estudante deve ser estimulado a fundamentar seus conhecimentos já existentes, não através da substituição de suas concepções prévias pelos novos conhecimentos científicos discutidos em sala de aula, mas por meio da negociação dos novos significados e isto torna-se possível através de aulas discussivas e interativas (MORTIMER, 1996; MORTIMER; SCOTT, 2002).

O modelo educacional tradicionalista, tido como modelo predominante, não está adequado a proposta da Educação Ambiental Transformadora. A educação tradicionalista não está voltada para o despertar do senso crítico do aluno, e desta forma, corre-se o risco de que um tema tão amplo e abrangente como o ambiental, seja trabalhado de forma reducionista, impedindo aos alunos experimentarem, questionarem, vivenciarem e perceberem o ambiente em que estão inseridos (CARVALHO JUNIOR; FERREIRA, 2004).

Logo, como argumenta Araújo e Santos (2009, p.3) faz-se necessário:

Romper com a ideologia educacional fragmentadora significa ser capaz de atender as necessidades dos discentes, diante de uma nova realidade mundial, contemplando não apenas aspectos conteudistas, mas cognitivos, sociais, históricos, econômicos, biológicos, afetivos, etc. partindo para uma nova concepção de aluno, que deixa de ser um mero receptor para ser um sujeito atuante na sua aprendizagem e de professor que passa de transmissor para mediador do conhecimento.

Segundo Jacobi (2003, p.191) a realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação dos saberes e das práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias diante da reapropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes.

Se é desejo do educador ambiental construir uma sociedade ao mesmo tempo ecologicamente equilibrada, culturalmente diversa, socialmente justa e politicamente atuante, ele pode fazê-lo, também por intermédio da própria educação ambiental. (LAYRARGUES, 2006, p. 11)

O presente trabalho tem como objetivo (i) compreender as concepções e práticas dos docentes do Ensino Fundamental Menor em relação a Educação Ambiental; (ii) investigar se os professores do

ensino fundamental menor de escolas públicas e privadas do município de Itabaiana – SE consideram importante e trabalham a Educação Ambiental em suas práticas pedagógicas; (iii) analisar se os professores da rede pública e privada consideram a Educação Ambiental um tema interdisciplinar; (iv) averiguar se os docentes do ensino fundamental menor consideram-se preparados para trabalhar Educação Ambiental em suas práxis pedagógicas; (v) verificar se há diferença entre os conteúdos trabalhos pelos docentes da rede pública com os da rede privada; (vi) analisar se os professores do ensino fundamental menor consideram o espaço escolar um ambiente adequado para trabalhar com Educação Ambiental; (vii) avaliar as dificuldades enfrentadas por professores de escolas públicas e privadas para trabalhar com Educação Ambiental.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de cunho quantitativo e qualitativo, que envolveu a participação de vinte professores de diferentes áreas do conhecimento que atuam no Ensino Fundamental menor em escolas públicas e privadas, no município de Itabaiana, Sergipe.

O método quantitativo de pesquisa tem no questionário uma de suas grandes ferramentas. É pelos resultados obtidos nessa técnica de coleta de dados que são feitas as induções, que hora confirmam as suposições inicialmente levantadas pelo pesquisador, e hora as refutam (GOMES; ARAÚJO, 2005).

Já a pesquisa de cunho qualitativo, é segundo Bogdan e Biklen (2010), caracterizada pela obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto dos pesquisadores com a situação estudada, com ênfase maior no processo e preocupação centrada na compreensão da

perspectiva dos sujeitos participantes. Sendo assim, de acordo com Chizzotti (1998, p.34) “a pesquisa quantitativa não necessita ser oposta à qualitativa, mas ambas devem sinergicamente convergir na complementaridade mútua”.

Para obtenção dos dados, o estudo utilizou como instrumento um questionário composto por quinze questões, sendo estas predominantemente discursivas, para que o participante da pesquisa tivesse a possibilidade de responder com mais liberdade, não ficando restrito a marcar uma ou outra alternativa. É importante destacar que apenas nove questões presentes no questionário foram utilizadas para obter os dados que compuseram os resultados deste trabalho. No total foram respondidos vinte questionários, sendo que destes, dez foram respondidos pelos sujeitos de escola pública e dez pelos sujeitos de escola privada. Posteriormente os dados foram tabulados e analisados, as respostas das questões foram agrupadas em categorias de acordo com a semelhança existente entre elas, e em seguida indicou-se a frequência das respostas categorizadas anteriormente, utilizando o software Excel.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para compreender as concepções e práticas dos docentes sobre Educação Ambiental utilizou-se a tipologia segundo SAUVÉ (1992,1994 apud 1997, 2005). De acordo com a tabela 1, as concepções mostram-se equiparadas, visto que 40% dos professores tanto da rede pública, quanto particular, apresentam uma visão do meio ambiente como recurso. Esta, entende o meio ambiente como algo a ser administrado e utilizado de forma que todos os indivíduos possam usufruir de seus recursos.

Os docentes que conjecturam o meio ambiente como natureza, somam 20%, tendo o ambiente como algo que precisa ser preservado, não entendendo o ser humano como parte deste, o que segundo Sauvé

(2005), causa uma lacuna que precisa ser eliminada, por meio da reconstrução do sentimento de pertencimento a natureza.

Tabela 1 – Concepções e práticas dos docentes sobre Educação Ambiental.

Tipologia das concepções sobre o ambiente na EA SAUVÉ (1992,1994 apud 1997, 2005)	Escola Particular	Escola Pública
Meio ambiente – natureza	20%	20%
Meio ambiente – recurso	40%	40%
Meio ambiente – problema	20%	20%
Meio ambiente – sistema	10%	10%
Meio ambiente – biosfera	0%	0%
Meio ambiente – lugar em que se vive	10%	0%
Meio ambiente – projeto comunitário	0%	0%
Não respondeu	0%	10%

Em contrapartida, percebe-se que apenas uma pequena parcela dos professores, 20%, sejam estes de escola pública ou particular, possuem uma concepção de meio ambiente como problema, que de acordo com Fernandes, Cunha e Marçal-Júnior (2002) apesar desta concepção ainda conter uma ideia naturalista, avança no sentido de que não se trata mais de uma concepção contemplativa da natureza enxergando a necessidade de utilização dos recursos naturais, mas acrescida da ideia de que esses precisam ser utilizados de forma racional, levando em conta aspectos de desenvolvimento sustentável e gestão ambiental, apesar de ainda ser uma concepção fragmentada de Educação Ambiental.

Outra concepção sobre meio ambiente pouco difundida entre os docentes da rede particular e pública, consiste na visão de meio ambiente como sistema, visto que apenas 10% dos professores de cada rede possuem esta concepção. Para Sauvé (2005) esta corrente consiste na análise sist mica dos componentes e das rela es existente no meio ambiente, para que assim se alcance uma compreensão de conjunto

das realidades ambientais, em um contexto local, global, político, econômico, ambiental, ou seja, sistêmico, e leve a tomadas de decisões. Segundo Brasil (1998, p. 67):

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e a atuar na realidade socioambiental de modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso, é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de habilidades e procedimentos. Esse é um grande desafio para a educação.

Para SAUVÉ (1997),

O ideal seria que a compreensão dos processos educativos considerasse uma dessas visões complementares do ambiente, de uma forma cumulativa, através de uma cuidadosa orquestra de intervenção, ou preferencialmente, utilizando um enfoque pedagógico integrado.

Com o intuito de investigar se os professores do ensino fundamental menor de escolas públicas e privadas consideram importante e trabalham com Educação Ambiental em suas práticas pedagógicas, questionou se os mesmos trabalham os conteúdos de Educação Ambiental em suas práticas docentes, bem como qual a importância de trabalhar a Educação Ambiental com os estudantes do ensino fundamental menor.

Com a análise dos dados, notou-se que 100% dos docentes abordam a temática em suas práticas docentes, embora estas, sejam elucidadas com visões oposta entre os educadores das diferentes redes de ensino. A maioria dos docentes de escola particular apresentam

uma visão conservacionista sobre Educação Ambiental, que se organiza em torno da preocupação de preservar os recursos naturais intocados, protegendo a flora e a fauna do contato humano e da degradação (SORRENTINO, 1995 apud SOUZA, 2009) conforme demonstra as explicações I, II e III, visto que suas respostas se referem a importância de preservar e/ou cuidar do meio ambiente.

“Sim, pois dessa forma haverá mais conscientização desde cedo, havendo, portanto, mais participação na preservação do meio ambiente” (Explicação I).

“Sim, para que eles aprendam não só a teoria, mas também na prática a importância de preservar o meio ambiente” (Explicação II).

“Sim, é importante desde cedo aprender que o ambiente é a nossa casa e que devemos ter cuidados especiais para preservar o futuro” (Explicação III).

Em contrapartida, a maior parte dos professores de escola pública possuem uma visão mais socioambiental, conforme aponta as explicações IV, V e VI, já que suas respostas retratam a importância de conscientizar e/ou sensibilizar a população sobre o meio em que está inserida.

“Sim, é importante orientar desde cedo, para que todos tenham noção do que é certo e errado” (Explicação IV).

“Sim, porque desde cedo eles têm que se conscientizar das questões que influenciam a vida deles no meio ambiente” (Explicação V).

“Sim, é fundamental para uma conscientização dos alunos em relação ao mundo em que vivem para que possam ter cada vez mais qualidade de vida” (Explicação VI).

Em relação a importância de trabalhar a Educação Ambiental com os estudantes do ensino fundamental menor, todos os docentes, sejam estes de escola privada ou pública, consideram extremamente importante, visto que o processo de conscientização inicia justamente nos anos iniciais da escolarização.

Frente aos vários problemas ambientais, decorrentes das atividades praticadas pelo homem, torna-se necessário que o tema Meio Ambiente seja abordado já nas séries iniciais, pois as crianças, em contato com a natureza crescerão tendo mais conhecimento e mais conscientização da forma como deverão tratá-la, evitando desde cedo os problemas de desrespeito ao meio ambiente fazendo com que ocorra um equilíbrio entre a natureza e a sociedade em seu dia a dia (EVARISTO, 2010).

Sabe-se que é um dos princípios da Educação Ambiental aplicar um enfoque interdisciplinar, aproveitando o conteúdo específico de cada disciplina, de modo que se adquira uma perspectiva global e equilibrada (DIAS, 1991), e que as escolas têm papel importante para a implementação de atividades que propiciem reflexão e que leve os indivíduos a desenvolver ações orientadas em projetos e em processos de participação com atitudes comprometidas com a proteção ambiental implementadas de modo interdisciplinar (DIAS, 1992).

Ao desvincular a Educação Ambiental de uma disciplina ou de um profissional específico, ou seja, tratá-la de forma interdisciplinar, a torna um tema amplo que segundo Medina (2002), leva ao aprofundamento das fontes teóricas que fundamenta sua teoria e sua prática pedagógica. Tendo por base tais afirmações, investigou-se se os docentes consideram a Educação Ambiental como sendo um tema interdisciplinar.

Ao analisar os dados, percebeu-se uma diferença relevante entre as opiniões dos professores das duas redes de ensino. Enquanto

70% dos profissionais da educação pública consideram a Educação Ambiental um tema interdisciplinar, 20% não a avaliam desse modo e 10% não explicitaram opinião. De modo oposto, 70% dos educadores da rede particular não vislumbram a Educação Ambiental como um tema interdisciplinar, enquanto 30% a consideram como tal. É possível identificar por meio desses valores que há ainda uma dificuldade do profissional de educação trabalhar de forma interdisciplinar. Isso pode ser explicado, segundo Schor e Demajorovic (2002) pelos campos acadêmicos e profissionais ter na sua base uma formação acadêmica ainda centrada nas contribuições individuais das disciplinas, não proporcionando um repertório de atuação em equipes interdisciplinares.

A respeito da capacitação profissional dos docentes de escolas particulares e públicas em relação as ações de Educação Ambiental em sala de aula, notou-se semelhança entre os dados coletados, conforme demonstra a figura 1 e 2, visto que, a maioria dos professores, ou seja, 60% dos educadores consideram-se preparados em desenvolver atividades de Educação Ambiental, embora muitos não tenham tido disciplinas durante a graduação sobre a temática.

Ainda, é importante destacar, que embora a maioria dos docentes considerem-se preparados, uma parcela significativa de professores mesmo abordando tais assuntos em sala de aula não se consideram preparados, revelando assim, a fragilidade da formação inicial dos professores. Desta forma, faz-se necessário que haja programas de formação continuada para que o educador tenha a possibilidade de repensar a maneira com que suas aulas são dadas, bem como para embasá-lo de ferramentas diversas que possam auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para uma formação crítica e holística.

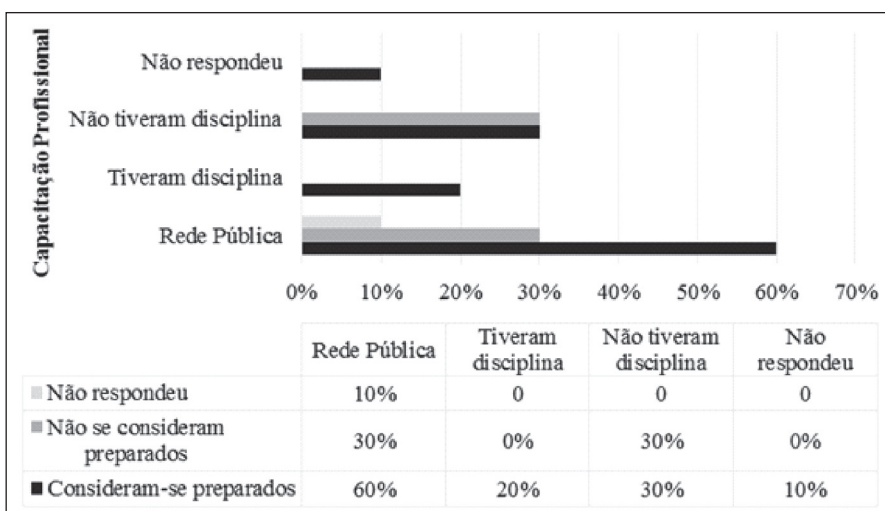


Figura 1 – Capacitação profissional dos docentes de Escola pública e aplicação dos conhecimentos.

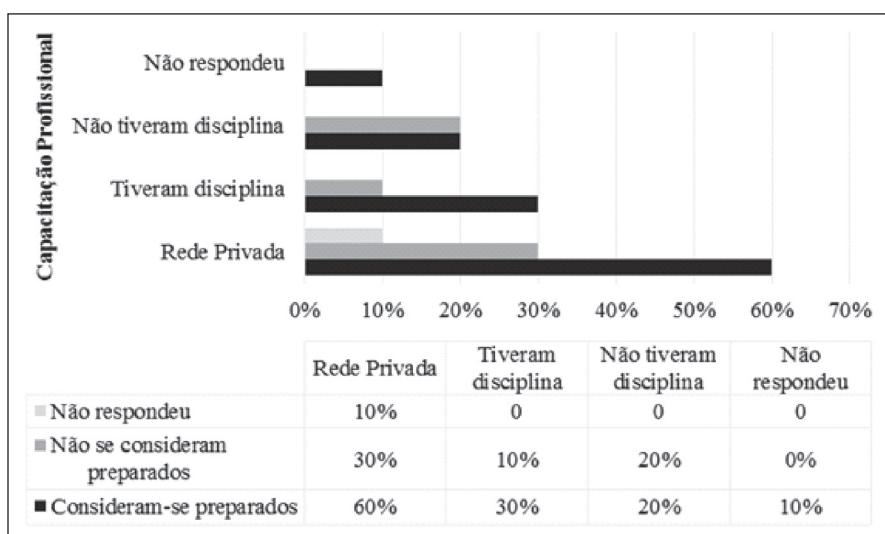


Figura 2 – Capacitação profissional dos docentes de Escola particular e aplicação dos conhecimentos.

Os dados da tabela 2 mostram que houve semelhança entre os assuntos abordados pelos docentes das duas redes de ensino, sendo possível identificar que temas como lixo, água, plantas, animais, poluição e meio ambiente são trabalhados quase de forma unânime, tendo uma variação entre 10% e 30%. Pode-se considerar ainda que conteúdos como agrotóxicos, saúde, práticas agrícolas e higiene são abordados de modo expressivo, já que 70% a 80% dos professores os tratam em sala de aula. No entanto, drogas, preconceito e corpo humano são temáticas pouco trabalhadas pelos profissionais de ensino.

Tabela 2 – Conteúdos trabalhados pelos docentes da rede privada e pública de ensino.

Conteúdos	Rede Pública	Rede Privada
Agrotóxicos	80%	70%
Água	100%	90%
Animais	100%	80%
Ar	100%	70%
Corpo humano	40%	40%
Drogas	20%	20%
Higiene	70%	80%
Lixo	100%	100%
Meio ambiente	100%	100%
Plantas	100%	90%
Poluição	100%	100%
Práticas agrícolas	70%	60%
Preconceito	20%	10%
Saúde	70%	80%

É visto que os temas são trabalhados de forma ampla, mas ainda assim é nítido a preocupação dos professores em tratar assuntos que segundo Layrargues (2006), correlacionam a função da Educação Ambiental na dimensão ética do relacionamento humano com a Natureza, colocando a dimensão política do relacionamento entre os humanos em segundo plano. Ainda de acordo com Gouvêa (2006):

O fato dos professores trabalharem a Educação Ambiental preferencialmente com o viés ecológico, pode advir de dois fatores: o primeiro diz respeito a formação do professor, que possui um caráter conteudista e fragmentado, e segundo devido a visão conservacionista oriundo de um contexto histórico gerado pelos movimentos ambientalistas que se enraizaram na sociedade.

Os problemas ambientais devem ter muito mais que um caráter ecológico, faz-se necessário entender as várias esferas que podem estar atreladas a esses problemas. A educação ambiental, enquanto Educação, para atingir a mudança ambiental, possui relações não apenas com a mudança cultural, mas também com a mudança social, sobretudo em sociedades acentuadamente desiguais (LAYRARGUES, 2006).

A percepção sobre o cotidiano, a realidade social, cultural, histórica, do meio físico e natural foi e ainda é fundamental no processo de formação do cidadão emancipado e comprometido; e, deve ser uma prática constante para nortear as sociedades da “era do conhecimento” rumo à construção de saberes para a sustentabilidade socioambiental e melhoria da qualidade de vida (LESTINGE; SORRENTINO, 2008, p. 601).

No que concerne ao espaço escolar, nota-se que praticamente todos os docentes consideram o espaço escolar um ambiente apropriado para discutir sobre Educação Ambiental com os estudantes, conforme demonstra a tabela 3. Aqueles que não consideram a escola um ambiente adequado, alega que o espaço físico é pequeno e pouco atrativo. Para Elali (2003), o meio físico da escola tem impacto direto e simbólico sobre seus ocupantes, facilitando e/ou inibindo comportamentos

Tabela 3 – O espaço escolar consiste em um ambiente apropriado para discutir sobre Educação Ambiental?

Opinião	Rede Privada	Rede Pública
SIM	90%	100%
NÃO	10%	0%

É na temática ambiental que a escola poderia apresentar um impacto significativo na sociedade, mediante a criação de canais de comunicação com a população que possibilitem a discussão e reflexão sobre o papel dos cidadãos quanto ao meio ambiente (VEIGA; AMORIM; BLANCO, 2005).

Assim, resta saber quais são as dificuldades enfrentadas por professores de escolas públicas e privadas para trabalharem com Educação Ambiental em sala de aula.

Diante das respostas dos professores, pôde-se identificar os seguintes empecilhos: ausência de comprometimento familiar, baixo incentivo do governo, dificuldade em conscientizar as pessoas, corpo docente insuficiente, desinteresse dos estudantes, desinteresse dos profissionais de educação, falta de capacitação profissional, carência de recursos pedagógicos, falta de tempo e grande curricular densa. Destes obstáculos, o mais citado pelos docentes de escola privada (40%), revela a dificuldade em conscientizar as pessoas, enquanto a dos professores de escola pública (30%), consiste na carência de recursos pedagógicos.

Para muitos professores, trabalhar temas transversais como o meio ambiente no cotidiano escolar é muito difícil, pois as salas de aula são sempre lotadas, com muitos conteúdos para serem lecionados durante o ano letivo, o qual deve ser cumprido segundo a grade curricular (MEDEIROS et al., 2011, p.8).

4. CONCLUSÃO

Por meio dessa pesquisa percebe-se que a maneira que a Educação Ambiental é vista pelos docentes ainda é simplista, na qual a natureza precisa ser preservada e intocável, outrora, pode-se usufruir dela com responsabilidade. Grande parte deles não se veem ou pelo menos não deixam claro, que o ser humano é parte integrada da natureza. Logo, o problema reside que tal lacuna se manifestará no modo de pensar dos estudantes.

Quando os dados das explanações dos docentes que lecionam na rede privada são comparados com os dados das respostas dos professores da rede pública, percebe-se que eles apresentam visões opostas. Enquanto os primeiros apresentam uma visão conservacionista sobre Educação Ambiental, em que os recursos naturais devem ser preservados e intocado pelo ser humano, os professores da rede pública apresentam uma visão mais socioambiental, visto que além de uma preocupação com o meio, focam sobre a necessidade e importância de sensibilizar e conscientizar os alunos, para formar cidadãos mais responsáveis. É necessário que os docentes tenham uma visão mais holística sobre a temática e que abordem com os estudantes assuntos que estimulem a reflexão sobre a realidade em que vivem, afim de desenvolver o senso crítico bem como a solução de problemas.

Outro aspecto relevante, consiste nas visões opostas sobre a Educação ser ou não um tema interdisciplinar. Enquanto a maioria dos profissionais da educação pública consideram a Educação Ambiental um tema interdisciplinar, a maior parte dos educadores da rede particular não vislumbram ela como tal. Sendo assim, é necessário que estes docentes adquiram maior conhecimento na área e entendam que essa temática deve ser abordada em todas as disciplinas acadêmicas e em todos os anos letivos.

Além disso, percebe-se que a maioria dos educadores consideram a escola um ambiente apropriado para discutir sobre Educação

Ambiental com os estudantes, visto que é nesse espaço que a maioria das crianças tem acesso a informação. Os professores também relatam que um dos principais obstáculos para desenvolver ações sobre Educação Ambiental consiste na dificuldade em conscientizar a população, bem como na carência de recursos pedagógicos.

A proposta de se ter uma Educação Ambiental que permeia todos os campos de ensino e que seja capaz de criar uma consciência socioambiental nas pessoas que evoluirá para uma mudança sociocultural, é no mínimo audaciosa. A dificuldade está em se ter profissionais de ensino que tenham consciência disso, tendo em vista que há uma fragilidade em sua formação acadêmica que não o capacita, bem como baixo investimento do governo em formação continuada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fabiane de Matos; SANTOS, Elizabeth da Conceição. Educação ambiental e a prática da transversalidade na formação de professores: reflexos no ensino básico. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis, n. 7, 2009.

ARAÚJO, Maria Inêz Oliveira; SOARES, Maria José Nascimento; ANDRADE, Djalma. Desafios da formação de professores para o século XXI: o que deve ser ensinado? o que é aprendido? Relatos e ensaios. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, SariKnopp. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2010.

BRANCO, AntoniaFrancivan Vieira Castelo; LINARD, Zoraia Úrsula Silva de Alencar; SOUSA, Ana Carolina Braga de. Educação para o

desenvolvimento sustentável e educação ambiental. *Conex. Ci. e Tecnol.* v. 5, n. 1, p. 25-31, Fortaleza/CE, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Brasília, DF, 27 abr.1999.

BRASIL. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. *Diário Oficial [da União]*, Brasília, DF, n. 116, seção 1, p. 70, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, p. 126. 1997.

CARVALHO JÚNIOR, Antonio Ferreira. *Ecologia profunda ou ambientalismo superficial? O conceito de ecologia e a questão ambiental junto aos estudantes.* São Paulo: Arte & ciência Editora, 2004.

CAVALCANTE, Livia Poliana Santana; CAVALCANTE, Larissa Santana; MEDEIROS, Valbério Sales de; MAIA, Herika Juliana Linhares; ALENCAR, Layana Dantas. Análise da percepção ambiental e sensibilização de educandos do Ensino Fundamental de uma escola pública para realização da coleta seletiva, Campina Grande-PB. *Revista Monografias Ambientais*, v. 9, n. 9, p. 2047-2054, 2012

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais.* 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CUBA, Marcos Antonio. Educação ambiental nas escolas. *ECCOM*, v. 1, n. 2, p. 23-31, 2010.

DIAS, Genebaldo Freire. Educação Ambiental: princípios e práticas. São Paulo, Gaia, 1992.

DIAS, Genebaldo Freire. Os quinze anos da educação ambiental no Brasil: um depoimento. Em Aberto, Brasília, v. 10, n. 49, 1991.

DOMINGUES, Eliane Terezinha Farias. A educação ambiental no ensino fundamental do Colégio de Aplicação - CODAP: concepções e práticas. 2012. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2002.

ELALI, Gleice Azambuja. O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil. Estudos de Psicologia, v. 8, n.2, p.309-319,2003.

EVARISTO, Jessica Andrade. Um estudo sobre a educação ambiental proposta no PCN. 2010. 44f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Departamento de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, 2010.

FERNANDES, Elisabete Chirieleison; CUNHA, Ana Maria de Oliveira; MARÇAL-JÚNIOR, Oswaldo. Educação ambiental e meio ambiente: Concepções de profissionais da educação. In: II Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação Ambiental. São Carlos, 2002.

GOMES, Fabrício Pereira; ARAÚJO, Richard Medeiros de. Pesquisa Quanti-Qualitativa em Administração: uma visão holística do objeto em estudo. In: Seminários em Administração, 8, São Paulo: FEA/USP, 2005.

GOUVÊA, Giana Raquel Rosa. Rumos da formação de professores para a Educação Ambiental. Educar. Curitiba, n. 27, p. 163-179, 2006.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189-205, 2003.

JANKE, Nadja; TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Produção coletiva de conhecimentos sobre qualidade de vida: por uma educação ambiental participativa e emancipatória. *Ciência & Educação*, v. 14, n. 1, p. 147-157, 2008.

KRASILCHIK, Myriam. Modalidades didáticas. Dinâmicas para o ensino de Ciências, 2008, p. 77 – 112.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Muito além da natureza: Educação Ambiental e reprodução social. In: Loureiro, C.F.B.; Layrargues, P.P. & Castro, R.C. De (Orgs.) *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez. p. 72-103. 2006.

LESTINGE, Sandra; SORRENTINO, Marcos. As contribuições a partir do olhar atento: Estudos do meio e a educação para a vida. *Ciência&Educação*, v. 14, n. 3, p. 601-19, 2008.

MARCATTO, Celso. Educação ambiental: conceitos e princípios. 1.ed. Belo Horizonte: FEAM, 2002.

MARIANO, Zilda Fátima; SCOPEL, Iraci; PEIXINHO, Dimas Moraes; SOUZA, Marcos Barros A Relação Homem-Natureza e os Discursos Ambientais. *Revista do Departamento de Geografia – USP*, v. 22, p. 158-170, 2011.

MEDEIROS, Aurélia Barbosa de; MENDONÇA, Maria José da Silva Lemes; SOUSA, Gláucia Lourenço de; OLIVEIRA, Itamar Pereira de. A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. *Revista Faculdade Montes Belos*, v. 4, n. 1, 2011.

MEDINA, Naná. Mininni. Formação de multiplicadores para a educação ambiental. In: PEDRINI, A.G. (Org.). O Contrato Social da Ciência, unindo saberes na Educação Ambiental. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEGID NETO, Jorge; FRACALANZA, Hilário. O livro didático de ciências: problemas e soluções. *Ciência e Educação*, v. 9, n. 2, p. 147-157, 2003.

MORTIMER, Eduardo Fleury. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 1, n. 1, p. 20-39, 1996.

MORTIMER, Eduardo Fleury; SCOTT, Phill. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 7, n. 3, p. 283-306, 2002.

QUEIROZ, Alvarado Costa de. A práxis ambiental e a educação escolar. 2002. 216f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

ROSA, Luciene Gonçalves; SILVA, Monica Maria Pereira da; LEITE, Valderi Duarte. Educação Ambiental em uma Escola de Formação Inicial de nível médio: estratégias e desafios do processo de sensibilização. *REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental*, v. 22, p. 454-475, jan./jul. 2009.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: uma análise complexa. *Revista de Educação Pública*, vol. 10, 1997.

Disponível em: http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/educacao_ambiental_e_desenvolvim.html

SCHOR, Tatiana; DEMAJOROVIC, Jacques. Interdisciplinaridade em educação ambiental: utopia e prática. Anais: I Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Indaiatuba, 2002.

VEIGA, Alinne; AMORIM, Érica; BLANCO, Mauricio. Um Retrato da Presença da Educação Ambiental no Ensino Fundamental Brasileiro: o percurso de um processo acelerado de expansão. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, p. 1-24, 2005.